

PROCESSOS DIALÓGICOS E A CONSTRUÇÃO DA PARTILHA NA DÍADE MÃE-BEBÊ

MARIA DA CONCEIÇÃO LYRA (*)
(Universidade Federal de Pernambuco)

MARIA CLOTILDE ROSSETTI FERREIRA
(USP - Ribeirão Preto)

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo exploratório é propor o valor heurístico de uma perspectiva sócio-interacionista construtivista para análise e compreensão das construções iniciais que constituem a díade mãe-bebê.

Esta abordagem sócio-interacionista construtivista está sendo proposta por De Lemos (1981, 1985, 1986 e com.pes.) e colaboradores (Campos 1985, Figueira 1985, Lier 1983, Maia 1981, 1982, 1985, Perroni 1983 e Scarpa 1984) como uma nova maneira de abordar o processo de aquisição de linguagem pela criança.

A idéia central desta perspectiva está na concepção da interação social como diálogo, ou atividade dialógica, no qual a negociação das trocas efetuadas guarda uma dimensão intrínseca de transformação. Esta dimensão de mudança é concebida como sendo ao menos parcialmente, responsável pela construção de ambos os sujeitos e da própria interação. O principal interesse das investigações recai portanto sobre os processos de transformação - processos dialógicos - enquanto nos possibilitam a compreensão das aquisições-produto.

Partindo da perspectiva acima exposta, procuramos investigar como as trocas negociadas pela díade permite esclarecer a construção das primeiras atividades partilhadas, em um momento em que o adulto domina a negociação simbólica e o bebê dispõe de esquemas sensório-motores de ação.

(*) Agradeço aos Profs. Amélia Império Hamburger, Maria Fausta P.C. Campos e Eleonora Albano, as discussões e críticas.

Podemos dizer que o nosso quadro de referência filia-se a Piaget (1936), enquanto ele apresenta o processo construtivista de mudança (sobretudo ao abordar o Nascimento da Inteligência na Criança), todavia, ao abordarmos a interação social filiamos-nos a Mead (1934), Vygotsky (1962, 1978) e Wallon (1960), na medida em que o nosso foco de interesse recai sobre a troca social concebida como locus da emergência e construção da mente humana naquilo que a mesma tem de específico, i.e., a função simbólica.

A questão geral aqui investigada é a seguinte:

Como são construídas na díade as primeiras atividades partilhadas?

Ou mais especificamente:

Quais as dimensões das atividades dos parceiros que nos permitem compreender a construção dessas atividades partilhadas?

Os conceitos aqui utilizados como quadro de referência para análise e interpretação dos dados, decorrentes da perspectiva sócio-interacionista construtivista, podem ser assim descritos:

- A. Entendemos atividade dialógica como qualquer troca negociada pela díade que se caracteriza pela mútua interdependência de transformações das atividades dos parceiros. Este aspecto quer dizer que cada parceiro é modificado pela atividade do outro, o que resulta na modificação, ao menos parcial, tanto da sua própria atividade como daquela do outro. A unidade de análise é portanto a díade concebida como indissociável.
- B. Concebemos as atividades partilhadas como momentos interacionais que se caracterizam por trocas negociadas simétricas aplicadas sobre qualquer dimensão das atividades da díade. Este tipo de interação exibe um grau de conhecimento mútuo, gradualmente estabelecido como objeto de conhecimento (Lier, 1983). As atividades partilhadas são precedidas e sucedidas de trocas negociadas assimétricas, que tendem para a simetriação e partilha (Lier 1983).
- C. Os processos dialógicos são entendidos como aquelas atividades dos parceiros que atualizam as trocas negociadas.

C.1. De Lemos (1981 e 1985) e Camaioni e De Lemos (1985) propõem três processos dialógicos que descrevem as formas que as interações assumem:

O processo de especularidade pode ser entendido como a atividade interacional na qual os parceiros, incorporando parte da atividade do outro ao repetí-la, possibilitam desta forma a continuidade da interação.

Entendemos o processo de complementaridade como a atividade dialógica que acrescenta ao menos um elemento à atividade do outro tornando possível assim a ocorrência da troca negociada.

O processo de reciprocidade, restrito neste trabalho ao nível do diálogo “como se” da mãe, supõe o bebê como parceiro constituído, conhecedor das atribuições de parceiro, o que requer uma diferenciação clara do seu papel e daquele do outro, na atividade dialógica.

C.2. O processo de diferenciação do fluxo de atividades da dia-de acontece através do movimento de recorte e figura-fundo, efetuados pelos parceiros. O movimento de figura-fundo, considerando as relações entre atividades, exhibe mais nitidamente sua dimensão constitutiva através da sua análise na história da dia-de.

Os dados analisados neste trabalho decorrem de registros em vídeo-cassete (30-40 minutos cada) aproximadamente semanais, de uma dia-de mãe-bebê da classe média, realizados na casa da dia-de. Os registros foram iniciados quando o bebê tinha 1m e 16d, e terminaram aos 5m e 6d de vida do bebê.

2. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Serão analisadas as atividades face a face e as atividades mãe-objeto-bebê, procurando responder às seguintes perguntas:

1. O que a dia-de negocia durante o período observado?
2. Como essas trocas negociadas se realizam na atividade dialógica, de maneira que nos possibilite compreender a construção das atividades partilhadas?

2.1. Atividade Face a Face

2.1.1. O primeiro momento dos nossos dados apresenta a mãe procurando estabelecer uma atividade face a face quando, nos momentos em que estando desperto, ela identifica no bebê um estado de “bem-estar-alerta” como oposto àquele de “desconforto”.

(1) Aos 1m e 16d, o bebê acabou de mamar e arrotar. Está no colo da mãe, em posição de amamentação. A mãe põe o bebê de frente para ela, virando também a cabeça dele para que possa olhar no rosto ou olhos do bebê. O bebê está quieto e parece olhar para a mãe. Enquanto executa essas ações ela fala:

“Pronto deu arroto de você, hein!

Hein menininho, hein!

Cadê menininho da mamãe!

Cadê ele, hein!
Não tá com fome, amor?
Você não tá com fome não, hein?"
Um pouco depois a mãe segura as mãos do bebê, virando-o de maneira que permite olhar na sua face, e diz:
"Eu tô crescendo muito minha mãe, eu tô crescendo muito!"
O bebê está quieto e parece ter o olhar vago, talvez voltado para a irmã, que está ao lado.

Podemos observar que a mãe põe o bebê em posições que possibilitam o contato de olhar. Entretanto, o bebê não parece olhar nitidamente para a mãe, dando a impressão de executar uma atividade difusa de exploração.

A mãe recorta a direção do olhar do bebê para ela, como uma figura que se destaca contra um fundo de atividades não claramente especificadas enquanto trocas negociadas. O recorte efetuado permite que a mãe estabeleça um diálogo "como se" que supõe a efetiva negociação da atividade do bebê.

Analisando as verbalizações da mãe, podemos observar que a mãe eleva o bebê a parceiro dialógico, a nível de um diálogo "como se". Este aspecto torna-se evidente através da utilização de "heins" e "cadês", assim como pelo desempenho de ambos os papéis no diálogo. Podemos identificar certas características que aproximam os processos dialógicos. A especularidade, quando a mãe reflete para o bebê o que ele acaba de fazer - o arrotto - e a reciprocidade, ao falar pelo bebê - por exemplo, ao dizer "Eu tô crescendo muito mãe".

2.1.2. Observamos, em seguida, o estabelecimento progressivo do contato de olhar como atividade partilhada na díade. Esta característica de partilha do contato de olhar pode ser identificada através (a) do rápido estabelecimento do contato de olhar (b) da capacidade do bebê iniciá-lo e (c) da manutenção dessa atividade de troca negociada.

O contato de olhar partilhado, inicialmente figura contra um fundo difuso de atividades, progressivamente adquire a característica de fundo em relação ao qual sorrisos, localizações (que gradativamente diferenciam-se dos sons que demonstram desconforto) e movimentos do bebê, são recortados como figuras, pela mãe. Todavia, o estabelecimento e manutenção do contato de olhar persiste como figura delimitando o limite inicial e final, quando da quebra dessa contato. Como limite final, a quebra do contato de olhar não está claramente diferenciada das indicações de desconforto no bebê. Progressivamente esta diferenciação se evidencia.

(2) Aos 2m e 17d, o bebê está deitado em posição supina sobre a cama da mãe. A mãe está de pé ao lado da cama. O bebê olha à sua frente e movimenta braços e pernas.

A mãe aproxima-se, tira a roupa e faz o asseio do bebê.

O bebê olha para o rosto da mãe que fala enquanto executa a tarefa de limpar o bebê.

O bebê persiste olhando para o rosto da mãe e vocaliza semelhante a:

“É, é”

e sorri.

A mãe fala, continua o asseio, dividindo o olhar entre a tarefa e o bebê, e diz:

“É, é

Essas porcarias...

Umas besteirinhas não foi menino?

Umas besteirinhas não é, hein?

Não foi?

Umas besteirinhas mamãe!?

Hein mamãe!?”

O bebê continua olhando para o rosto da mãe e faz alguns movimentos.

A mãe interrompe o asseio e volta o olhar para o bebê, estabelecendo o contato de olhar.

O bebê vocaliza e sorri durante algum tempo.

A mãe sorri muito, enquanto diz:

“Que gargalhada minha mãe!

Que gargalhada minha mãe!

Que é isso hein menino?”

O bebê vocaliza semelhante a:

“Hum”.

A mãe diz:

“Hum, que é isso hein?

Hein?”

Segue-se um longo período no qual o contato de olhar é mantido. O bebê vocaliza e a mãe repete aproximadamente o mesmo som ou comenta sobre o mesmo. Ocorrem sorrisos de ambos, assim como movimentos de braços e pernas e movimentos genéricos e alguns movimentos da boca do bebê. A mãe, além de repetir aproximadamente as vocalizações do bebê e comentar acerca das mesmas, responde ao movimento da boca do bebê dizendo que ele está fazendo “besouro” e executando movimentos e ruídos com a boca.

(3) Aos 2m 24d, a mãe inicia um período de atividade face a face, através do estabelecimento do contato de olhar. Estabelecido esse contato, a interação continua de forma muito semelhante ao exemplo (2).

Agora a mãe procura repetir a forma do movimento da boca executado pelo bebê. Este período de atividade face a face termina quando o bebê chora e a mãe o põe em outra posição perguntando ao bebê se ele está com fome.

O que podemos ver agora é que tendo como fundo o contato de olhar, sorrisos, vocalizações e movimentos, como figuras, parecem adquirir a função de operadores da interação (função análoga a dos "por que" operadores do discurso, proposta por De Lemos 1975). Estes operadores da interação possibilitam a continuidade das trocas negociadas, construindo uma dependência mútua entre os parceiros. Para a mãe, eles demonstram a manutenção da atenção do bebê. Para o bebê, propomos que sejam concebidos como reações circulares secundárias, voltadas para reproduzir o espetáculo interessante que é a atividade da mãe, nas interações face a face. Estas reações circulares secundárias são concebidas no sentido piagetiano do termo (Piaget 1936), enquanto dizem das organizações do sujeito. No entanto, ao construírem uma mútua dependência entre os parceiros em interação, da qual sugerimos que emerge a própria organização do sujeito, exibem uma conceituação diversa daquela piagetiana, ao atribuir à interação social um poder de transformação distinto daquele presente na interação com o mundo físico. Desta forma, a díade parece estar construindo uma totalidade partilhada de trocas negociadas não especificamente analisadas como atividades distintas.

Todavia, quase ao mesmo tempo em que se evidencia esta totalidade partilhada na atividade face a face, observamos um movimento de recorte que diferencia as vocalizações e os sorrisos sobretudo. Este movimento se dá, sobretudo, através do processo de especularidade que começa a emergir. Ambos os exemplos ilustram vocalizações e sorrisos negociados através de sua forma interacional que aproxima a especularidade: a mãe repete ambos os comportamentos e também os movimentos da boca do bebê (exemplo 3) e o bebê parece começar a repetir, sobretudo, vocalizações e sorrisos, mas também movimentos da boca, verificados em momentos subseqüentes das nossas observações, não transcritos neste trabalho.

Desta forma, o processo de especularidade parece estar emergindo e sendo construído como processo dialógico na sua dimensão de forma interacional. Ao mesmo tempo, através da diferenciação do fluxo de atividades da díade, que o processo de especularidade realiza, sorrisos e sons começam a ser construídos como objetos de conhecimento partilhados na atividade face a face.

Para o bebê, o referido processo parece se integrar preenchendo as características mínimas e perseverativas (ver Albano, 1986) dos esquemas sensório-motores-evidentes no sorrir e vocalizar - usados pelo

bebê para reproduzir o espetáculo interessante da atividade face a face. Sugerimos que o processo de especularidade, que emerge e domina a atividade face a face, é ao menos parcialmente responsável pela diferenciação dos esquemas aos quais o mesmo se aplica.

2.1.3. Gradualmente, a maturação das capacidades posturais e motoras possibilita ao bebê se movimentar mais, assim como mais agilmente. A mãe também começa a movê-lo mais livremente assim como aumentam os toques no bebê. Nessas novas condições, a atividade face a face acontece entre interrupções do contato de olhar. Adquire então uma forma abreviada no sentido da redução temporal e do seu não desdobramento - primeiro o estabelecimento do contato de olhar, em seguida sorrisos, vocalizações e movimentos - sugerindo um maior domínio, pela idade, da atividade face a face. O grau de conhecimento partilhado evidencia-se assim através da forma que se abrevia.

(4) Aos 4m 14d o bebê está deitado em posição supina, na cama da mãe, que o enxuga (após o banho).

O bebê olha para o rosto da mãe e vocaliza semelhante a:

“É”

A mãe diz:

“É

Que é mamãe?

Que é?”

O bebê continua olhando para o rosto da sua mãe e põe a mão na boca. Estabelece-se contato de olhar. A mãe retira da boca a mão que o bebê havia colocado, faz movimentos e ruídos com a boca (“besouro”) e diz:

“Cadê o besourinho do menininho?”

Pouco depois a mãe vira o bebê de lado para enxugar as costas interrompendo o contato de olhar, e o desvira em seguida.

O contato de olhar é imediatamente restabelecido. A mãe prossegue falando e sorrindo.

O bebê sorri.

A mãe repete a mesma ação de virar e desvirar o bebê.

O contato de olhar é novamente imediatamente restabelecido, a mãe sorri e fala:

“Tui...”

O bebê sorri.

A mãe prossegue pondo pomada no bebê, falando e alternando o olhar entre o rosto do bebê e a tarefa.

O bebê prossegue fixando o rosto da mãe, ora sorrindo, ora se movimentando e tocando o corpo da mãe com os pés.

A mãe segura as pernas do bebê dando continuidade à troca face a face,

persiste falando e executando movimentos e ruídos com a boca.

A forma abreviada da atividade face a face está também ilustrada no exemplo que se segue.

(5) Aos 5m 6d o bebê acabou de tomar banho, a mãe o coloca na cama dela, em posição supina, tendo o rosto coberto pela toalha e diz:

“Cadê ele?”

Cadê ele?”

A mãe retira a toalha do rosto do bebê.

O contato de olhar é imediatamente estabelecido ao lado do sorriso que ocorre, assim como movimentos dos braços e pernas, enquanto a mãe também sorri e diz:

“Oi ele

Oi o menininho”.

O bebê vira-se ficando em posição supina. A mãe o desvira e novamente a atividade face a face característica é prontamente estabelecida. Este tipo de atividade na qual a mãe cobre e descobre a face do bebê ou aquela na qual o bebê vira-se ficando em posição supina e a mãe o desvira para a posição anterior, cada vez seguida de momentos de trocas face a face, aparece repetidamente nesta sessão registrada.

Este exemplo, além de exibir a atividade face a face de forma abreviada, apresenta a mesma como parte do que parecem ser duas variações de um tipo de jogo, que têm como objetivo, que os mantêm, a repetição das negociações trocadas face a face.

2.2. A Atividade Mãe-Objeto-Bebê

2.2.1. O trabalho como o objeto inicia-se, em nossos dados, quando estando o bebê em um estado de “bem-estar-alerta”, a mãe procura seguir a direção do olhar do bebê ao mesmo tempo que interroga para onde ou o que o bebê “está olhando”.

(6) Ao 1m e 16d, o bebê acabou de mamar, está em posição vertical no ombro da mãe, tendo a cabeça voltada para trás. A mãe, que perguntava ao bebê se ele ainda estava com fome prossegue:

“Tá não meu amor?

Tá com soninho é?

Hum, você tá com fome não!?

Hum, Hum!?

Que é que tá vendo, hein?

Que é que você tá olhando, hein?

O bebê parece olhar na direção da janela. A mãe põe o bebê de frente para ela e vira um pouco o seu rosto de maneira que possibilita assim investigar para onde se dirige o olhar do bebê. Dirige então, por instantes, o olhar para a janela.

Posteriormente, verificamos que a mãe se torna capaz de “descobrir” para onde ou a que o olhar do bebê se dirige.

(7) Aos 2m 17d, o bebê acha-se na mesma posição em que está no exemplo (6), no ombro da mãe. A mãe vira sua cabeça para trás procurando identificar a direção do olhar do bebê e diz:

“Oh Toby (o cachorro) oh!

olha Toby

Tá vendo Toby?”

2.2.2. Parece existir uma evolução entre o que observamos nos exemplos (6) e (7) no que diz respeito a capacidade da mãe para especificar, recortando, o que o bebê olha. É possível detectar, nessa especificação, alguma coisa que faz vislumbrar o processo de complementaridade, a nível de um diálogo suposto, “como se”. Este processo emerge gradualmente nos nossos dados, recortando sobretudo os movimentos dos braços e mãos do bebê que aproximam a atividade de pegar os objetos.

Podemos observar, tal como também acontece em relação à atividade face a face, que a direção do olhar é o primeiro recorte diferenciado do fluxo difuso de atividades que o bebê apresenta. Todavia, a especificação do objeto olhado (exemplo 7), um elemento a mais acrescido, que possibilita dar continuidade ao diálogo, delinea uma forma dialógica complementar ao invés daquela especular, que domina as trocas negociadas face a face.

2.2.3. O recorte da direção do olhar do bebê para o objeto se constitui na condição inicial para que se estabeleça a atividade mãe-objeto-bebê.

Nos exemplos que se seguem podemos observar a prevalência deste recorte. O exemplo (8) exhibe a mãe procurando iniciar uma atividade com objetos através da captura da direção do olhar do bebê para os brinquedos. No exemplo (9), o bebê já está olhando para os brinquedos e executa pequenos movimentos com as mãos na direção dos mesmos, enquanto a mãe parece apenas recortar o olhar dirigido do bebê para os brinquedos, não recortando os movimentos do bebê.

(8) Aos 2m e 3d, o bebê está sentado em uma cadeirinha que dispõe de alguns brinquedos suspensos em uma haste.

A mãe procura captar o olhar do bebê para os brinquedos, movimentan-

do-os e provocando ruído com eles. Toda a temática verbal da mãe versa sobre “o bebê olhar para os brinquedos”.

(9) Aos 2m e 11d, a mãe põe o bebê na mesma cadeira do exemplo (8), e fica ao lado dele. O bebê dirige o olhar para os brinquedos e executa pequenos movimentos com as mãos na direção dos brinquedos. A mãe, movimentando e provocando ruído com os brinquedos, persiste falando do “olhar do bebê para os brinquedos”.

2.2.4. O recorte efetuado pela mãe dos movimentos dirigidos para o objeto, pode ser observado no exemplo que se segue.

(10) Aos 2m e 24d, o bebê está deitado no berço, em posição supina. Um pequeno passarinho está pendurado na haste do berço, ficando acima do rosto do bebê. O brinquedo possui um cordão que, quando puxado, movimenta-o para cima e para baixo. A mãe está sentada ao lado do berço. O bebê olha para o passarinho e o toca assistematicamente com a mão semi-aberta.

O passarinho balança.

A mãe aproxima-se do bebê e diz, sorrindo e puxando o cordão do brinquedo:

“Cadê o menininho da mamãe!”

O bebê olha para a mãe por instantes e volta a olhar para o brinquedo.

O bebê não consegue acompanhar o movimento do brinquedo, faz movimentos com braços e pernas e sorri, continuando a olhar na direção do passarinho. A mãe prossegue falando e sorrindo/rindo:

“Olha

Olha o passarinho dele
o passarinho dele”.

A mãe pára de movimentar o brinquedo e olhando para o bebê, diz:

“Tá vendo menino, hein, hein?”

Tá vendo.”

O bebê continua olhando para o brinquedo, dirigindo braços e mãos e tocando-o por vezes, vocalizando, sorrindo e movimentando-se em geral.

A mãe continua puxando o cordão do passarinho e falando, repetindo às vezes, as vocalizações do bebê.

Em um dado momento, uma das mãos do bebê aproxima-se do cordão do passarinho. A mãe põe o cordão na mão do bebê, que o segura balançando-o e mantendo o olhar fixo no passarinho.

Este exemplo (10) apresenta a mãe procurando complementar o esboço de toque assistemático do bebê no passarinho através da sua

aproximação do bebê e da ação de puxar o cordão do brinquedo. Todavia, esta complementaridade parece voltada para prolongar a atenção do bebê para o passarinho. Tanto os movimentos, assystematicamente dirigidos para o objeto, como o olhar são recortados nessa direção.

O processo de complementaridade da mãe ao esboço de gesto para o objeto torna-se evidente um pouco depois neste exemplo, quando a mãe põe o cordão na mão do bebê, após ele haver aproximado a mão semi-aberta do cordão.

Até agora, sorrisos, vocalizações e movimentos, de maneira análoga ao que acontece na atividade face a face, podem ser compreendidos como reações circulares secundárias voltadas para reproduzir o espetáculo interessante que o objeto oferece. Sugerimos que esses comportamentos começam a construir uma espécie de elo relacionando a mãe, o objeto e o bebê, tendo a função de operadores da atividade da mãe para com o objeto. Esta função leva a mãe a complementar a atenção e o esboço de gesto do bebê para o objeto, possibilitando a continuidade da interação do bebê com o objeto.

2.2.5. A dominância do recorte dos movimentos do bebê para o objeto pode conduzir a díade a concentrar todas as trocas negociadas no objeto. Nessas condições não ocorrem sorrisos nem vocalizações. Este padrão de interação acontece no momento em que o bebê começa a esboçar um movimento complementar àquele da mãe para com o objeto. Entretanto, porque isto acontece paralelo ao início da coordenação do olhar com o movimento dirigido dos braços e mãos, o diferenciário da atividade complementar do bebê é apenas vislumbrada.

Estas características acima descritas podem ser observadas no exemplo que se segue.

(11) Aos 3m e 14d, o bebê está deitado na cama da mãe, em posição supina. Ele segura e solta quase imediatamente um brinquedo que sua irmã colocou em uma das suas mãos. A mãe apanha o brinquedo e o exhibe, a uma distância que possibilita pegá-lo, fazendo barulho com o mesmo.

O bebê olha para o brinquedo, dirige seus braços para ele e tenta pegá-lo. Segura o brinquedo e o solta um pouco depois.

Este tipo de interação se repete por algum tempo.

2.2.6. Gradualmente, o bebê torna-se mais ágil, dispondo de uma melhor coordenação olhos/braços e mãos, assim como consegue segurar melhor os objetos. Nessas condições esta atividade com o objeto parece apresentar-se de forma abreviada, tal como acontece na atividade face a face, demonstrando um maior domínio do grau de partilha dessa atividade pela díade. Em lugar de um desdobramento no tempo de atividade monitoradas

pela mãe - captura do olhar do bebê para o objeto, braços e mãos dirigem-se para o objeto, tocá-lo e depois pegá-lo (exemplo 11) - observamos o oferecer o objeto pela mãe e o segurá-lo pelo bebê. Ocorreu vocalização, alguns sorrisos e a alternância do olhar entre o objeto e a mãe. Encontramos especularidade às vocalizações e aos sorrisos, assim como comentários da mãe acerca da atividade do bebê com o objeto.

Os exemplos que seguem ilustram as características acima referidas.

(12) Aos 4m e 17d, o bebê está deitado na cama da mãe, em posição supina, e choraminga.

A mãe exhibe uma escova/chocalho, balançando-o e fazendo ruído com a mesma.

O bebê pára de choramingar, olha para o brinquedo e imediatamente dirige seus braços para o mesmo e o segura, enquanto vocaliza semelhante a:

“É, é, é”.

A mãe diz:

“É, é, é, é

É a sua escovinha

É, é, é?”

O bebê olha para a mãe e retorna o olhar para o brinquedo que tem na mão.

(13a) Aos 4m e 27d, o bebê está com a mesma escova/chocalho do exemplo anterior, balança-a, provocando ruído com a mesma, e alterna seu olhar entre o brinquedo e a mãe.

O bebê deixa cair o brinquedo.

A mãe apanha o brinquedo e o entrega ao bebê que imediatamente o segura.

(13b) Em um outro momento do mesmo registro (aos 4m e 27d), o bebê está com a escova/chocalho na mão balança-a provocando ruído com a mesma, enquanto alterna o olhar entre o brinquedo e a mãe. Em um desses momentos, demora mais olhando para a mãe mantendo o contato de olhar e vocalizando. Nessas condições ocorrem sucessivas vocalizações repetidas por ambos os parceiros ou seguidas por comentários da mãe acerca da atividade do bebê com o objeto.

Encontramos agora, nos exemplos (12) e (13a), a complementaridade motora do bebê ao gesto da mãe de oferecer o objeto. O início da atividade compartilhada com o objeto começa a se delinear.

Ao mesmo tempo que começa a emergir este esboço de ativi-

dade partilhada com o objeto, o processo de complementaridade motora emerge como forma privilegiada dessas trocas negociadas. Constituem-se assim, tanto este processo como o objeto, enquanto um terceiro elemento da atividade negociada na díade.

2.3. Trocas Negociadas Face a Face e Aquelas Mãe-Objeto-Bebê

Nos exemplos (12) e (13b) aparecem dois momentos em que as vocalizações são negociadas pelos parceiros da díade, utilizando o processo de especularidade que domina a atividade face a face. Em um momento (exemplo 12) a mãe utiliza a especularidade mesmo quando o bebê tem o olhar voltado para o objeto. Em outro momento (exemplo 13b), durante um período de contato de olhar, que intercala a atividade do bebê com o objeto, o processo de especularidade às vocalizações é extensamente utilizado ao lado de comentários acerca da atividade de pegar o objeto.

Considerando os limites de apenas uma díade investigada e a necessidade de aprofundar nossa análise no sentido também da investigação de outras díades, sugerimos que a partilha, primeiramente estabelecida na atividade face a face, desempenha um papel na emergência daquela atividade mãe-objeto-bebê. Destacamos, nessa direção, a dimensão partilhada da troca sonora - constitutiva das primeiras elaborações do som como objeto de conhecimento partilhado - como foco principal de análise.

Nossa hipótese está baseada nas características do fenômeno de transformação, que nossos dados sugerem e que achamos que conduz a uma compreensão mais global e integrada do desenvolvimento.

Tomemos as reações circulares secundárias, operadores da interação face a face, que possibilitam a emergência da especularidade ao mesmo tempo que diferenciam os esquemas sobre os quais se aplica a troca especular. Tomemos as primeiras atividades da díade com o objeto, em um momento em que essas reações circulares secundárias têm a função, para a mãe, de operadores da atividade, dela com o objeto e progridem para uma construção posterior. A história da diferenciação dos esquemas sensorio-motores que emergem se constituindo como atividades partilhadas, pela díade, com o objeto parece se fazer de uma parte a partir da partilha (mais diferenciada) existente na atividade face a face e de outra a partir da análise das características espaço-temporais das modalidades de trocas existentes na díade, enquanto possibilitam a construção de atividades partilhadas relativas ao objeto.

Procuraremos então resumir as características transformacionais que nos conduziram à hipótese acima referida.

A) Os movimentos, sobretudo aqueles de braços e mãos do bebê, são recortados na atividade com o objeto, como o principal elemento sobre o

qual se dão as trocas negociadas.

- B) A movimentação genérica do bebê tende a não ser mais recortada como operadora da atividade da mãe com o objeto.
- C) Sorrisos e vocalizações podem persistir durante os momentos de contato de olhar - como atividades face a face - que intercalam a atividade com o objeto, tendo a função de "restabelecer a presença do outro, através do conhecimento partilhado". Os sorrisos persistem sobretudo através de trocas especulares. Para os objetos, os sorrisos se mantêm na medida em que funcionam como operadores da atividade mãe com o objeto. Todavia, eles vão perdendo progressivamente esta função, dada a sua dependência do contato face a face para que se dê a partilha.
- D) Quanto às vocalizações, de maneira análoga ao sorriso, persistem nos momentos de atividade face a face que intercalam as atividades com o objeto. As trocas especulares são extensamente usadas por ambos os parceiros nesses momentos, demonstrando uma partilha da forma especular e o recorte da troca sonora. As mesmas ocorrem também quando o bebê está olhando para o objeto (exemplo 12), o que possibilita à atividade partilhada em relação ao som, já claramente identificada na troca negociada face a face, prolongar-se na atividade com o objeto, dada a sua independência do contato de olhar. Entretanto, nas atividades mãe-objeto-bebê, mais freqüentemente que naquelas face a face, as vocalizações tendem a serem respondidas pela mãe também como um tipo de complementaridade à atividade motora do bebê (final do exemplo 13b). Consideramos que nessas condições as trocas sonoras podem ter a função de pontuar diferenciando a atividade do bebê, desempenhando um papel apenas vislumbrado nos nossos dados.

Podemos sugerir então o esboço de um movimento transformador, em relação ao som, a partir da história partilhada pela mãe. Da troca especular partilhada face a face é progressivamente retirada a condição do contato de olhar, mantendo-se todavia a forma especular. Esta por sua vez parece caminhar para aquela, como que, complementar rítmica, em momentos nos quais pode ocorrer o contato de olhar, pontuando a atividade do bebê com o objeto. Assim, ao mesmo tempo o som é mantido e transformado enquanto elemento partilhado pela mãe, na atividade com o objeto.

2.4. Os Gestos

Finalmente, encontramos o início da emergência de gestos (motores) quando a atividade de pegar/segurar objetos ao lado da atividade motora corporal, mais freqüente e mais sob o controle do bebê, parecem participar mais marcadamente das trocas negociadas na mãe.

(14) Aos 5m e 6d, a mãe carrega o bebê. A irmã, que está ao lado, bate palmas e estende os braços para ele dizendo:

“Alexandre
vem cá menino, venha”

O bebê volta-se para a irmã e joga o corpo na direção dela, que o carrega.

A mãe diz:

“Eita
Tás gostando hein?
Tás gostando hein?”

A mãe estende os braços para o bebê e diz sorrindo:

“Vem cá Xande”.

O bebê olha para a mãe e estende os braços para ela.

A mãe continua chamando o bebê e estende os braços para ele.

O bebê toca a mão da mãe, que prossegue chamando-o e com os braços estendidos para o bebê.

O bebê, olhando a mãe, vocaliza e faz movimentos com os braços e as pernas.

Este tipo de interação prossegue até que o bebê dá início a uma variação dessa atividade. Nesta nova atividade o bebê vira o rosto para trás quando é chamado e o desvira em seguida, enquanto a mãe persiste chamando-o e estendendo os braços para ele. Contato de olhar, sorrisos e vocalizações ocorrem a cada vez. Esta atividade repete-se algumas vezes.

Este exemplo exhibe a presença de trocas negociadas face a face que se intercalam com movimentos do bebê que aproximam o gesto de estender os braços para o parceiro quando chamado. Também apresenta a atividade motora de o bebê virar e desvirar o rosto, quando chamado. Ambos os momentos exibidos neste exemplo ilustram o gesto motor que emerge agrupando, de alguma forma, a atividade partilhada face a face e àquela com o objeto (mãe-objeto-bebê) em um novo conjunto que aproxima um jogo partilhado. Sugere assim uma nova organização diádica que nossos dados apenas fazem antever.

3. CONCLUSÃO / SÍNTESE

As construções gerais encontradas na díade estudada parecem coerentes com a literatura sobre interação social no início da vida (Schaffer 1984).

O nosso estudo exploratório procura mostrar de que maneira a concepção da interação como atividade dialógica - que se realiza nos processos dialógicos - pode explicar, ao menos parcialmente, as primeiras ati-

vidades partilhadas que emergem na díade. Tendo como fundo esta perspectiva sócio-interacionista construtivista foram analisadas as trocas negociadas que ocorrem em algumas dimensões salientes da atividade diádica.

Nossos dados descrevem os primeiros passos na construção das atividades partilhadas tanto face a face como aquelas que incluem o objeto e chamamos de atividade mãe-objeto-bebê. Ambas as atividades diferenciam-se, nos nossos dados, a partir da atividade da mãe que recorta a direção do olhar do bebê, como figura contra um fundo de atividades difusas, nos momentos de "bem-estar-alerta" do bebê.

Segue-se a este momento, o estabelecimento do contato de olhar como atividade partilhada face a face, que progressivamente se torna fundo em relação ao qual sorrisos, vocalizações e movimentos do bebê adquirem a característica de figuras. A organização partilhada que assim emerge adquire a forma de uma totalidade partilhada não analisada em termos de atividades específicas. Essas atividades parecem ter a função de operadores da interação, dando continuidade a mesma enquanto se mantém o fundo do contato de olhar. Nessas condições o processo de especularidade emerge como forma partilhada de troca que diferencia, ao mesmo tempo, as atividades sobre as quais se aplica - basicamente sorrisos e vocalizações.

O grau de domínio desse conhecimento partilhado pela díade na atividade face a face parece evoluir acontecendo, então, de maneira abreviada. Na condição de abreviação, a atividade face a face começa a acontecer entre interrupções do contato de olhar e seu rápido restabelecimento.

A atividade mãe-objeto-bebê constrói-se através do recorte, efetuado pela mãe, da direção do olhar do bebê para o objeto. Aqui, analogamente ao que ocorre na atividade face a face, sorrisos, vocalizações e movimentos genéricos do bebê parecem ter a função de operadores da atividade da mãe com o objeto.

Quase ao mesmo tempo que diferenciamos esta organização descrita, observamos a mãe começar a recortar complementando os esboços de movimentos do bebê para o objeto - sobretudo dos braços e mãos. Nessas condições, o processo de complementaridade emerge como complementaridade motora aos movimentos de braços e mãos do bebê, que aproximam o tocar/pegar/segurar o objeto, que começam a apresentar certa coordenação com o olhar. Acontecendo desta forma o processo de complementaridade motora começa a dominar a atividade mãe-objeto-bebê, como forma partilhada de troca negociada. Quando observamos esta organização, a atividade mãe-objeto-bebê adquire uma forma abreviada - a mãe oferece o objeto ao bebê e este o segura - exibindo um domínio maior do conhecimento partilhado desta atividade pela díade, tal como foi sugerido.

rido em relação à atividade face a face.

As atividades do bebê que exibem a função de operadores da interação e operadores da atividade da mãe com o objeto, são interpretadas como reações circulares secundárias, concebidas como elementos de transformação e construção de ambos os sujeitos e da própria interação, dada a mútua dependência que possibilitam construir.

Uma nova organização das atividades diádicas, recortando sobretudo o gesto motor como atividade negociada, esboça-se no final do período investigado, aos 5m e 5d de vida do bebê.

Formulamos a hipótese de que a atividade dialógica mãe-objeto-bebê emerge, ao menos parcialmente, a partir do conhecimento partilhado na atividade face a face. Sugerimos a possibilidade de investigar a construção da troca sonora, como conhecimento partilhado em relação ao objeto, a partir daquele mais diferenciado na atividade face a face.

Queremos finalizar ressaltando que o estudo da construção do sujeito bebê na atividade dialógica que transforma e constrói a díade mãe-bebê, possibilita interrelacionar e integrar o processo de desenvolvimento. Desta forma procuramos delinear a imagem de um sujeito unitário, que se constitui ao mesmo tempo que se transforma.

BIBLIOGRAFIA

- ALBANO, E. **Emergindo da ilusão reducionista**. Artigo apresentado no Concurso de Livre Docência da UNICAMP. São Paulo, 1986.
- CAMAIONI, L. & DE LEMOS, C. Introduction. em L. Camaioni & C. de Lemos (Eds.). **Questions on Social Explanations**, Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- CAMPOS, M.F.P. de C. **Processos intersubjetivos na construção de interferências e justificativas**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, 1985.
- DE LEMOS, C.T.G. **The use of "ser" and "estar" with particular reference to child language acquisition in Brazilian Portuguese**. Tese de Doutorado. Universidade de Edimburg, 1975.
- . Interactional processes in child's construction of language. Em W. Deutsch ("Org."). **The Child's Construction of Language**. London: Academic Press, 1981.
- . Specularity as a constitutive process in dialogue and language acquisition. Em L. Camaioni & C. De Lemos ("Org."). **Questions on Social Explanation**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- . **Interacionismo e aquisição da linguagem**. D.E.L.T.A., 1986, Vol. 2, nº 2.
- FIGUEIRA, R.A. **Causalidade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do Português por uma criança**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, 1985.

- LIER, M.F.A. **A construção do interlocutor vocal**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1983.
- MAIA, E.A.M. Semantic-pragmatic factors in the acquisition of phonology. Artigo apresentado no LSA Annual Meeting, New York, 28-30 dez., 1981.
- . **A psicolinguística como fonte de renovação epistemológica para a Linguística e a Psicologia**. Artigo apresentado na 24ª Reunião Anual da SBPC, Campinas, 1982.
- . Estratégia de sustentação do diálogo e a concepção adulta do desenvolvimento fonológico. **Cadenos de Estudos Linguísticos**, 1985, **9**: 115-125.
- MEAD, G.H. **Mind, self and Society**, Chicago: The University of Chicago Press, 1934.
- PERRONI, M.C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, 1983.
- PIAGET, J. **La Naissance de L'Intelligence Chez L'Enfant**, Paris: Delachaux et Niestlé, 1936.
- SCARPA, E.M. **The development of intonation and dialogue in two Brazilian children**. Tese de Doutorado. Universidade de Londres, 1984.
- SCHAFFER, H.R. ("Org."). **The Child's Entry into a Social World**, London: Academic Press, 1984.
- VYGOTSKY, L.S. **Thought and Language**. Cambridge: M.I.T. Press, 1962.
- . **Mind in Society**. Cambridge, Mass. 1978.
- WALLON, H. **De l'acte à la pensée**. Paris: Flammarion, 1942.